



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15603 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 21 - Trabalho e Educação

O CATADOR, EMPRESÁRIO DE SI MESMO: UMA RECICLAGEM ETNOGRÁFICA
Artur Filipe Ewald Wuerges - UFFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

O CATADOR, EMPRESÁRIO DE SI MESMO: UMA RECICLAGEM ETNOGRÁFICA

RESUMO: Catadoras e catadores autônomos caracterizam-se por não fazerem parte de nenhuma associação ou cooperativa. Este trabalho tem o objetivo de explicar (parcialmente) a resistência ao trabalho associado frequentemente observada em catadores autônomos. A abordagem metodológica, batizada de reciclagem etnográfica, busca atribuir novos significados e interpretações a dados qualitativos previamente coletados e publicados por outros autores. O *corpus* consiste em 17 teses, de diversas áreas, publicadas entre 2014 e 2022. Os resultados sugerem que os catadores autônomos desenvolvem um *individualismo patológico* como resposta a experiências de exploração, logro e abandono vividas por eles. As considerações finais propõem a *pedagogia da confiança* como antídoto para o individualismo patológico.

PALAVRAS-CHAVE: Catadores. Confiança. Economia solidária. Individualismo. Trabalho associado.

As catadoras e os catadores autônomos (também chamados de individuais ou avulsos) formam um grupo heterogêneo de pessoas que sobrevivem da coleta e/ou separação de materiais recicláveis. Caracterizam-se por não fazerem parte de nenhuma associação ou cooperativa, vendendo o material para um atravessador, o sucateiro.

Estando desorganizados, os catadores autônomos enfrentam desafios que foram, ao menos parcialmente, superados pelas cooperativas e associações. As organizações de catadores costumam contar com uma prensa que faz a compactação e o enfardamento do material reciclável, facilitando o transporte e aumentando o valor de venda. Além disso, pelo fato de venderem quantidades maiores de materiais recicláveis, têm maior poder de barganha junto aos compradores. Por fim, apresentam melhores condições de trabalho, com equipamentos (esteiras, caminhões, equipamentos de proteção individual etc.) e parcerias com

o poder público que tornam o trabalho mais seguro e produtivo.

Por esses motivos, tornou-se senso comum a ideia de que o trabalho associado (organizado) é superior ao trabalho autônomo (cf. Demajorovic; Lima, 2013; Lima, 2018). A catação autônoma é vista como uma anomalia, algo que desaparecerá naturalmente quando todos os catadores descobrirem as vantagens do trabalho associado. Apesar disso, o educador que convive com catadores costuma ouvir frases como “não queremos cooperativa porque não vai pra frente” (Lima, 2018, p. 163). Este trabalho busca desafiar esse senso comum e problematizar a catação autônoma: como explicar e superar essa resistência tão arraigada ao trabalho associado?

Para responder a essa pergunta, est e trabalho propõe uma *reciclagem etnográfica*, abordagem metodológica *ad hoc* inspirada na metaetnografia de Noblit e Hare (1988). O objetivo desse método é atribuir novos significados e interpretações a dados qualitativos previamente coletados e publicados por outros autores.

A busca foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (bdtd.ibict.br). Foram buscadas teses que contivessem quaisquer dos seguintes termos: *catador*, *carroceiro*, *carrinheiro*. A busca, feita em maio de 2024, foi restrita a teses publicadas entre 2014 e 2023.

Foram encontrados 172 resultados, sendo que 171 tinham acesso aberto. Foi feita uma leitura superficial dessas teses para selecionar aquelas que tenham como tema catadores autônomos de materiais recicláveis e apresentem dados qualitativos relevantes para esta pesquisa. Foram excluídas, por exemplo, teses que abordam apenas catadores organizados (que são a maioria). Após esse filtro restaram 17 teses, sendo 2 oriundas de programas de pós-graduação em Educação. Sempre que os resultados deste trabalho mencionam dados dessas teses, elas são identificadas por um código de A a Q (Quadro 1).

Quadro 1 – *Corpus* da pesquisa (continua)

Código	Autor(a)	Título	Área	Instituição	Ano
A	Marcela Fernanda da Paz de Souza	Mapeamento de gênero no mercado de trabalho informal: uma análise entre as regiões metropolitanas e a cidade de Juiz de Fora, MG	Ciências Sociais	UFJF	2014
B	Antonio Antunes de Melo	A gestão integrada dos resíduos sólidos no município de Cuité/PB, numa perspectiva de atendimento à Política Nacional dos Resíduos Sólidos	Recursos Naturais	UFMG	2015
C	Leonardo Silveira Conke	Barreiras ao desenvolvimento da coleta seletiva no Brasil	Desenvolvimento Sustentável	UnB	2015
D	Tanyse Galon	Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste: estudo do processo de trabalho e suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis	Enfermagem Fundamental	USP	2015
E	Oscar Rodrigo Pessoa Borja	Por que as nações fracassam na gestão de resíduos? Percepções de risco de catadores e coletores de recicláveis e reutilizáveis em perspectiva Brasil e Chile	Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional	UnB	2015
F	Cláudia Moraes Da Costa Vieira	A práxis do viver como epistemologia: o saber sentido da/na escola como forma de emancipação da condição humana no viver na Terra	Educação	UnB	2016
G	Lucineia Aparecida Roncador Lucheti	Catadores/as de recicláveis de Presidente Prudente: desafios e limites das políticas públicas de inclusão produtiva	Serviço Social e Política Social	UEL	2016

H	Vanderlei Souza Carvalho	Gestão dos resíduos sólidos e inclusão sócio-produtiva dos catadores de Materiais recicláveis no Vale do São Francisco – Juazeiro-BA e Petrolina-PE	Sociologia	UFPE	2016
I	Maria Francisca de Miranda Adad	O papel dos atores sociais do mercado de reciclagem em Santarém: uma análise socioeconômica à luz do indicador força motriz-estado-resposta	Sociedade, natureza e Desenvolvimento	UFOP	2018
J	Ari Rocha da Silva	O ser o estar catador: experiências sociais no trabalho e nas tramas urbanas	Ciências Sociais	UNISINOS	2018
K	Matheus Milani	As experiências laborais de catadores no município de Feliz-RS: contribuições educativas para a logística reversa informal de resíduos sólidos urbanos	Educação	UNISINOS	2019

Quadro 1 – *Corpus* da pesquisa (conclusão)

L	Eliane Coster	Os homens com as câmeras: investigação de questões da fotografia norteadas por uma prática artística com câmeras de orifício realizada por catadores de material reciclável	Artes Visuais	Unicamp	2019
M	Régia Maria Prado Pinto	Trabalho e população em situação de rua: uma análise à luz da questão social no Ceará	Serviço Social	UERJ	2020
N	Maria Izabel de Carvalho	Entre a Rocinha no Brasil e Siloé na Colômbia, quais são as similaridades? Estudo comparativo do processo de destinação dos resíduos sólidos gerados nos dois lócus e suas formas de tratamento	Serviço Social	PUC-RJ	2021
O	Lucas Schweitzer	Além da sobrevivência: processos organizativos e sentidos do trabalho para catadoras/es de material reciclável	Psicologia	UFSC	2022
P	Priscila Soraia da Conceição Ribeiro	Inclusão de catadores de materiais recicláveis: análise fundamentada na teoria ator-rede	Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos	UFMG	2022
Q	Mabel Melo Sousa	Trabalho e vida de catadores de materiais recicláveis no município do Rio de Janeiro, RJ	Saúde Pública	Fiocruz	2022

Fonte: elaborado pelo autor.

O *corpus* foi analisado em busca de falas de catadores e observações empíricas, que foram então submetidas a uma codificação aberta e indutiva, isto é, sem nenhuma restrição ou embasamento teórico explícito. Essa codificação permitiu a identificação de categorias emergentes tais como *stigma*, *exploração* e *individualismo*. Este resumo expandido dedica-se à análise e discussão do individualismo.

Os resultados mostram que os catadores autônomos vivem em um mundo onde um tenta tirar vantagem do outro sempre que possível. Os catadores são frequentemente enganados pelo depósito onde vendem os materiais recicláveis que coletam: “[...] sei lá, aquela balança deles também, a gente não sabe o que acontece. Tem gente boa e tem gente que age de má-fé” (D). Outro é mais enfático: “É depósito nó cego. Dá nó até debaixo de água! Se você não abre os olhos você dança” (D).

Em Brasília havia um lixão onde eram descartados os alimentos que não podiam mais ser vendidos, chamado de “Carrefa” (uma corruptela de Carrefour, a rede de supermercados). Como esses alimentos eram muito cobiçados pelos catadores, os guardas do lixão cobravam para permitir o exercício da catação. Uma criança de 10 anos, filha de catadores, explica: “Lá tem um bucado de coisa boa lá. Sabe quem fica lá, tia, é os guardinhas. E tem que pagar” (F).

Às vezes, não é possível contar nem mesmo com a família. Outra menina de 10 anos, também filha de catadores, relata: “Vixi, é ruim né? Quando falo em separação, eu dou logo o grito. Eu gosto demais dos meus pais. É que ele bebe [...] Aí minha mãe briga” (F). O Estado, por sua vez, é inerte ou assume um papel punitivo: “E esse governo miserável, né cara? Deus me perdoe. Pô, a gente tá precisando de um auxílio emergencial em outubro, novembro e dezembro. Ele já tirou” (Q).

Nesse cenário de abandono e violência (física e simbólica), não é surpresa que muitos catadores resistam ao trabalho associado. Desde cedo, aprenderam a não confiar em ninguém, exceto em Deus: “Aqui não tem esse negócio de trabalho em grupo não, é cada um por si e Deus por todos” (E). Nesse caso, o individualismo é uma maneira de tentar diminuir a sensação de estarem sendo enganados. Ao trabalhar individualmente, eles continuam sendo explorados, porém de forma indireta, mais sutil. A renda obtida passa a ser consequência direta do esforço realizado:

Você tem a oportunidade de trabalhar para si mesmo. Você gosta de fazer classificação de materiais, faz do seu jeito, trabalha por dia e você vende para quem você quiser, sem ninguém dar ordem e colocar cabresto naquilo que é teu. Quer comprar, o preço é esse. Você é seu empresário, você administra suas próprias coisas (G).

É interessante notar que o(a) entrevistado(a) afirma que é ele(a) quem define o preço pelo qual o material será comercializado. Essa afirmação é duvidosa, mas revela a necessidade que ele(a) tem de afirmar e valorizar sua independência para a entrevistadora. Como explica Jessé Souza (2022, p. 18), as pessoas transformam necessidade em virtude e criam fantasias para tornar a vida suportável.

Os dados sugerem que o individualismo manifestado por tantos catadores autônomos não é o idealismo *utópico* dos filósofos iluministas, mas uma resposta a experiências de exploração, logro e abandono vividas por eles. É, pois, um individualismo *patológico*. Já que não é possível contar com outras pessoas, o discurso individualista e meritocrático apresenta-se como (única) alternativa atraente e coerente com as experiências vividas. Como tantos outros que vivem na modernidade líquida (Bauman, 2009), os catadores são individualistas por necessidade e não por opção.

Cabe aqui uma ressalva: embora importante, o individualismo patológico não é o único motivo para que tantos catadores trabalhem de forma autônoma. As organizações de catadores costumam pagar quinzenalmente ou mensalmente, o que pode ser inviável para pessoas em situação de extrema vulnerabilidade (Demajorovic; Lima, 2013). Além disso, muitos catadores nem mesmo sabem como funciona uma cooperativa ou onde estão localizadas. Em outros casos, alegam que obtêm uma renda maior trabalhando de forma autônoma.

À primeira vista, o antídoto para o individualismo patológico seria o coletivismo. Mas a experiência nos mostra que é perfeitamente possível, e mesmo comum, manter uma postura individualista dentro de cooperativas e associações (Rosenfield, 2003). Por isso, o verdadeiro antídoto para o individualismo patológico é a confiança. Qualquer tentativa de organizar catadores autônomos que se pretenda emancipadora e duradoura exige uma *pedagogia da confiança*.

Em primeiro lugar, o educador deve demonstrar que é merecedor de confiança, sendo testemunho de que confiar é possível e vale a pena. Isso não significa, de maneira alguma, que o educador deva corresponder a padrões irreais de virtude. Mas, sendo humano, deve demonstrar postura coerente, sendo capaz de reerguer-se e corrigir seus erros. Com isso, torna-se um ponto de referência sólido em um mundo líquido-moderno. Só que isso não é

suficiente: o que acontecerá com o coletivo quando o educador não estiver mais presente?

Por isso, tão importante quanto ser merecedor de confiança, o educador deve demonstrar generosidade em sua capacidade de confiar. Isso fará com que o catador/educando desenvolva sua *autoconfiança* ao descobrir que, mesmo imperfeito - como todos nós - é merecedor de confiança, passando aos poucos a ser sujeito dotado de autonomia e responsabilidade (Freire, 2017). A (auto)confiança é passo fundamental no caminho para a emancipação.

A confiança, porém, não pode ser ingênua – ou será rejeitada por catadores autônomos, simplesmente por ser incoerente com a realidade vivida por eles. Uma relação de confiança, para ser equânime, deve ser uma troca: quem recebe confiança precisa devolver *responsabilidade*. A vida em sociedade dispõe de mecanismos que permitem construir relações de confiança e responsabilidade: debates, votações, normas e regulamentos, prestações de contas etc. É fundamental que esses mecanismos sejam demonstrados e praticados pelo educador.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DEMAJOROVIC, Jacques; LIMA, Márcia. **Cadeia de reciclagem**: um olhar para os catadores. São Paulo: Senac, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

LIMA, Maria Raquel Passos. Paradoxos da formalização: a inclusão social dos catadores de recicláveis a partir do caso do encerramento do aterro de Jardim Gramacho (RJ). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 24, n. 50, p. 145-180, 2018.

NOBLIT, George W.; HARE, R. Dwight. **Meta-ethnography**: synthesizing qualitative studies. Newbury Park: SAGE, 1988.

ROSENFELD, Cinara L. A autogestão e a *nova questão social*: repensando a relação indivíduo-sociedade. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 395-415, 2003.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.